

OS EFEITOS DA INSERÇÃO DO PIBID NAS ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO: A DESESCOLARILIZAÇÃO DA SOCIEDADE ESCOLARIZADA

REYNALDO MONTEIRO COIMBRA NETO¹

Eixo Temático I: Ensino secundário / Técnico / Médio

RESUMO: O presente trabalho procura demonstrar os efeitos que o PIBID tem quando é inserido nas escolas de ensino médio. Esse efeito chamaremos aqui de desescolarização de uma sociedade escolarizada, com a perspectiva teórica de Ivan Illich (1985). Esse não é o único efeito, temos também o combate a (re) produção das desigualdades sociais existentes na nossa sociedade no ambiente escolar. O PIBID é um programa financiado pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**. O relato aqui será feito a partir do subprojeto de Sociologia da Universidade Regional de Blumenau – FURB-, nas escolas públicas de ensino médio deste município. Um dos objetivos do PIBID é trazer para as salas de aula uma alternativa ao ensino tradicional, que é pautado em uma aula norteadas apenas pelo Livro Didático, e que tem o saber localizado apenas no educador.

PALAVRAS CHAVES: Desescolarização, Sociedade Escolarizada, Produção e Reprodução, PIBID, Blumenau

¹ Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID -, do subprojeto de Sociologia da Universidade Regional de Blumenau – FURB -,

ABSTRACT: This paper seeks to demonstrate the effects that have PIBID when it is inserted in the high schools. This effect we call here an unschooling educated society, with the theoretical perspective of Ivan Illich (1971). This is not the only effect, we must also combat the (re) production of social inequalities in our society on the environment escolar. O PIBID is a program funded by the Coordination of Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). The account here is made from subproject of Sociology of the Regional University of Blumenau - FURB-in the public schools of this city high school. One goal is to bring the PIBID classrooms an alternative to traditional teaching, which is ruled by a class guided only by the Textbook, and that is located just to know the teacher.

KEYWORDS: Unschooling, Educated Society, Production and Reproduction, PIBID, Blumenau

1. INTRODUÇÃO

O subprojeto de Sociologia desenvolvido junto ao Programa de Iniciação à Docência – PIBID/FURB, tem nas diretrizes do projeto, articular ações pedagógicas e promover a integração e a interação entre bolsistas licenciandos do curso de graduação em Ciências Sociais, professores supervisores das escolas da rede pública de ensino estadual e os coordenadores do subprojeto e professores da FURB. O primeiro passo do programa foi estabelecer uma conexão entre os coordenadores do subprojeto e os supervisores do PIBID nas Escolas. Depois deste contato inicial e da elaboração de um plano de intervenção é que os bolsistas do subprojeto de Sociologia se inseriram em cada uma das escolas. A inserção dos bolsistas nas Escolas Padre José Maurício e Escola Carlos Techetin foram precedidas de uma série de reuniões entre bolsistas, supervisores e o coordenador do PIBID/Sociologia, feitas na FURB, com caráter de formação. Dessas discussões resultaram planos de ação e organização dos trabalhos dos bolsistas, seguindo os objetivos do Projeto. Percebendo que cada escola tem suas particularidades, por estar em regiões socialmente diferentes, ficou definido que os bolsistas fariam intervenções diferenciadas. Dessa forma, o coordenador do subprojeto, o supervisor da Escola Padre José Maurício e os bolsistas decidiram que: a) fosse feito um questionário quantitativo a respeito das condições socioeconômicas dos estudantes daquela escola, com a finalidade de levantar algumas informações acerca de temas

(família, lazer, violência, educação, transporte, etc); b) fazer os gráficos dessas repostas, e a partir disso fazer uma interpretação das respostas; c) buscar referências teóricas que dessem conta dos temas levantados junto aos estudantes. Pela interpretação dos gráficos, das respostas 19 e 20 do questionário (que se referia a atividade do aluno), percebeu-se que grande quantidade de alunos trabalha e estuda, mesmo tendo em média 15 a 16 anos. A partir dessas interpretações o grupo de bolsista, juntamente com o coordenador e supervisor concluíram que o referencial teórico que se adotaria nas atividades seguintes – “A nova alienação” - do texto de Ivan Illich – *A sociedade sem escola*. Na próxima etapa será solicitado aos alunos que façam um levantamento quantitativo das pessoas que trabalham e estudam (em todos os níveis) no Brasil, em Santa Catarina e Blumenau; o propósito é problematizar com os estudantes do projeto os modelos de educação frente ao mercado de trabalho.

O PIBID é um programa financiado pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, este programa se tornou um dos mais relevantes na atual agenda de políticas públicas para formação de professores, juntamente com o PARFOR². O PIBID – FURB -, subprojeto Sociologia, tem como objetivo:

- ♣ Desenvolver metodologias e técnicas de coleta de informações da realidade local e regional, envolvendo os bolsistas e os estudantes da unidade escolar;
- ♣ Propiciar um conhecimento efetivo da realidade da comunidade no que diz respeito aos problemas relativos à violência (familiar, social, urbana, econômica), ao racismo, emprego e renda, formação profissional, tráfico e consumo de drogas, uso e aplicação de verbas públicas, questões de gênero, pessoas em situação de vulnerabilidade ou risco;
- ♣ Efetivar um levantamento dos problemas socioambientais do bairro, da cidade e da região. Constituir estratégias de análise, sistematização e discussão das informações coletadas acerca da realidade local e regional; Desenvolver estratégias de participação, tanto dos bolsistas e coordenadores quanto dos estudantes da unidade escolar, nos processos decisórios, no que diz respeito às decisões estratégicas da comunidade e dos processos internos da escola;
- ♣ Produzir material e técnicas de caráter pedagógico que permitam o desenvolvimento da docência de modo inter e transdisciplinar, tanto na educação básica quanto nos cursos de licenciatura.

2 O PARFOR PRESENCIAL é um programa nacional implantado pela CAPES em regime de colaboração com as Secretarias de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e com as Instituições de Ensino Superior (IES). O objetivo principal do programa é garantir que os professores em exercício na rede pública de educação básica obtenham a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, por meio da implantação de turmas especiais, exclusivas para os professores em exercício.

Dessa forma o PIBID se mostra uma alternativa para o ensino tradicional, aonde a realidade dos alunos (social e cultura) não são relevantes para a construção do processo de ensino aprendizagem. Nessa configuração o saber é monopolizado pelos os educadores, tornando-os a única fonte de informações, deixando o ensino hierárquico. Quando o educador ou o sistema educacional não leva em consideração a realidade sociocultural do educando, estará dessa forma transformando o educador e o sistema de ensino em um mecanismo de produção e reprodução das relações de força existentes na sociedade. Somando todos esses fatores temos o que se pode chamar de uma sociedade escolarizada, pois, esses estudantes ao saírem (re) produzirá tudo aquilo que foi absorvido nesse tipo de sistema educacional, e isso refletirá não só no seu comportamento psíquico, mas também, nos seus corpos. Lembrando que há, no Brasil, 52.580.452 estudantes matriculados na educação básica. Esse nível de ensino compreende a educação infantil (creche e pré-escola), o ensino fundamental (primeiro ao nono ano ou primeira a oitava série), o ensino médio, a educação profissional, a educação especial e a educação de jovens e adultos (nas etapas ensino fundamental e ensino médio). Os dados são do censo escolar de 2009. O subprojeto de Sociologia não visa somente problematizar essas questões, mas, construir um ambiente de discussão e reflexão da realidade social que estes estudantes estão inserido, e para isso a sua realidade sociocultural e sócio-histórica será sempre um elemento importante para a construção do plano de ensino, para a elaboração de avaliação, e para construção dos temas geradores que serão utilizados no ano letivo.

A ESCOLA

A escola é um processo que requer assistência de tempo integral a um currículo obrigatório, em certa idade e com a presença de um professor (ILLICH, 1985). Podemos perceber isso no tipo de agrupamento que essas instituições faz, ou seja, separação por idade, e essa separação fundamenta-se em três nquestionáveis premissas: O lugar das crianças é na escola. As crianças aprendem na escola. Só se pode ensinar as crianças na escola (ILLICH, 1985).

É nesse espaço que o PIBID se insere, e esse é o maior desafio dos bolsistas, que é lidar com essa separação baseada em idade, e no suposto desconhecimento dos alunos. Dessa forma o que os estudantes – crianças -, sabem é ignorado, pois, o saber já tem um detentor definido, e assim, o aprendizado é monopolizado por um indivíduo, que é o professor. E dessa forma lidamos com uma sabedoria institucionalizada. È que as crianças precisam de escola. (..) pois o sadio senso comum nos diz que apenas as crianças podem ser instruídas na escola. Somente pela segregação dos seres

humanos na categoria infantil conseguimos submetê-los à autoridade de um professor escolar (ILLICH, 1985).

Essa escola é uma instituição baseada na “verdade” de que a aprendizagem é o resultado do ensino, sendo que a maior parte dos nossos conhecimentos adquirimos fora da escola. Aprendemos a falar, pensar, amar, sentir, brincar, negociar, fazer política e trabalhar sem interferência de professor algum. Aprendemos também saberes essenciais da vida, como fazer para plantar, colher, arrar, sabemos diferenciar animais, plantas. É também fora da escola que temos os primeiros contatos com as formas geométricas, e como podemos usá-las, e como podemos associar essas formas as coisas do mundo.

Quando houve a inserção na sala de aula dos bolsistas do PIBID, tomamos isso como um fator relevante, e em vez de ignorarmos esses saberes-fazer, estamos usando para dialogar com os saberes institucionalizados, ou seja, relacionando esses saberes e fazeres com as diversas correntes teóricas da Sociologia Clássica e Moderna, problematizando, discutindo e criticando esses saberes-fazer, com intuito também de superar o senso comum, e alguns comportamentos que estão já interiorizado nos indivíduos. O PIBID nos possibilita criar algo novo, criar aqui é no plural, pois, os alunos fazem parte dessa simbiose, que é a única alternativa para que se possa criar uma experiência nova, um saber novo, sem se preocupar com erros e acertos, mas com um novo saber feito de várias cabeças e mãos.

O papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, desde a Antiguidade até aos nossos dias, mostra bem como pode parecer natural querer começar um mundo novo com aqueles que são novos por nascimento e por natureza. No que diz respeito à política há aqui, obviamente, uma grave incompreensão: em vez de um indivíduo se juntar aos seus semelhantes assumindo o esforço de os persuadir e correndo o risco de falhar, opta por uma intervenção ditatorial, baseada na superioridade do adulto, procurando produzir o novo como um *fait accompli*, quer dizer, como se o novo já existisse (ARENDDT, 1957)

Temos na escola o professor, que representaria o adulto, ou melhor, aquele que detém o saber, e por esse apoderamento, os estudantes-crianças, tem que respeitá-lo, não por ser um semelhante seu, mas sim pelo poder que o saber o confere. Pensando nesse papel, podemos definir três tipos de professor, assim como Illich (1985):

- ♣ O **professor-guardião** atua como mestre de cerimônias que dirige seus alunos através de um ritual labirinticamente traçado. É árbitro da observância das normas e ministra as intrincadas rubricas de iniciação à vida. No melhor dos casos, coloca os fundamentos para a aquisição

de alguma habilidade, à semelhança daquela que os professores sempre possuem. Sem pretensões de conduzir a uma aprendizagem profunda, treina seus alunos em algumas rotinas básicas.

- ♣ O ***professor-moralista*** substitui os pais, Deus ou o Estado. Doutrina os alunos sobre o que é certo e o que é falso, não apenas na escola, mas também na grande sociedade. Está in loco parentis para cada um dos alunos e, assim, garante que todos se sintam crianças da mesma nação.
- ♣ O ***professor-terapeuta*** julga-se autorizado a investigar a vida particular de seus alunos a fim de ajudá-los a tornarem-se pessoas. Quando esta função é exercida por um guardião ou pregador, normalmente significa que persuade o aluno a domesticar sua visão do verdadeiro e seu senso do que é correto.

Refletindo nessas primícias, adotamos uma postura cautelosa, no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, pois, a nossa intenção é relacionar o nosso mundo (universidade) e o mundo deles (ensino médio), fazendo a ressalva que não pretendemos fazer política educacional, mas discutir as políticas educacionais, assim como Freire (2005):

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto.

Por acreditar na práxis (até porque o PIBID é também uma práxis, é a experimentação dos bolsista na realidade da docência, é a prática da teoria que se aprende na universidade), adotamos uma estratégia de fazer um ensino pautado na associação teoria e prática. Uma das estratégias é fazer dinâmicas em grupos dentro da sala de aula, para que os alunos entendam algumas lógicas de funcionamento, ou seja, fazer uma prática da teoria, para que os alunos percebam o fenômeno social a partir de incenações de seu dia a dia, lembrando que os assuntos é sugeridos pelos alunos, e daí os “pibidianos” pensam em alguma teoria para dar suporte a essa questão levantada pelo o aluno. Dessa forma a prática se torna humilde, pois, nesse esquema pedagógico não existe quem sabe e quem não sabe. O PIBID proporciona aos futuros docentes a oportunidade de ser um educador-educando, e não mais um “educador bancário”.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2005)

O PIBID e seus bolsista não pretende servir de guia, muito menos que os alunos dependam de nós para vislumbrar um futuro promissor. A educação como a realidade social esta escolarizada, percebe-se isso quando dependemos de escolas ou hospitais para dirigirem nossa vida, ou nos dizer o que é legítimo ou não (ILLICH, 1985). Por isso de usar a estratégia de dinâmica, para que eles percebam que esse tipo de ensino, aonde o professor é o seu guia, só porque ele tem em seu poder alguns saberes, está institucionalizando-os, moldando seus comportamentos, e seus corpos. Usamos a dinâmicas para que os alunos percebam seus corpos, o quanto eles são dinâmicos, o quanto ele pode dizer. O uso de teatro e formação de grupos de cordel, são uma dessas estratégias, o uso da linguagem não-verbal é uma forma de mostrá-los que o corpo fala, que o corpo sente, que o corpo se disciplina.

Com o uso da dinâmica, pretendemos também propor uma educação aos modos de Freire (2005), que mostra que:

A educação autêntica, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. Um dos equívocos de uma concepção ingênua do humanismo, está em que, na ânsia de corporificar um modelo ideal de “bom homem”, se esquece da situação concreta, existencial, presente, dos homens mesmos.

E criando essas dinâmicas juntamente com os alunos, estaremos estimulando também algumas de suas habilidades, pois, a maior parte das habilidades são adquiridas e aperfeiçoadas por exercícios práticos, porque implica o domínio de um proceder definido e previsto. O ensino de habilidades pode basear-se, por isso, na simulação de circunstâncias em que será usada. Mas a educação do uso das habilidades criativas e inventivas não pode basear-se em exercícios práticos. A educação pode ser o resultado de uma instrução, mas de um tipo de instrução totalmente distinto de treino prático.

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

Deriva de uma relação entre colegas que já possuem algumas das chaves que dão acesso à informação memorizada e acumulada rida e pela comunidade. Baseia-se no esforço crítico de todos os que usam estas memórias criativamente. Baseia-se na surpresa da pergunta inesperada que abre novas portas para o pesquisador e seu colega (ILLICH, 1985).

Não se pode pensar que a escola não tem suas responsabilidades, até porque ela é o ponto que interpõe entre o domínio do privado (lar) e o do público (mundo). Assim como Arendt (1957) diz que a a responsabilidade da escola não consiste tanto em zelar para que a criança cresça em boas condições, mas em assegurar aquilo que normalmente se designa por livre desenvolvimento das suas qualidades e características. E as dinâmicas de grupo, que estimulem não só a percepção de fenômenos sociais, mas também para estimular suas potencialidades como: dança; música; teatro; oficinas, vão de encontro com as primícias referidas por Arendt (1957), que diz que o desenvolvimento das qualidades das crianças é essencial, é são essas as qualidades que distingue cada ser humano de todos os outros, qualidade essa que faz com que ele não seja apenas mais um estrangeiro no mundo, mas alguma coisa que nunca antes tinha existido.

A NOVA ALIENAÇÃO

A escola hoje é o maior empregador do Brasil, não há mercado que tenha maior quantidade de pessoas em seu interior. Hoje há, no Brasil, 52.580.452 estudantes matriculados na educação básica. Esse nível de ensino compreende a educação infantil (creche e pré-escola), o ensino fundamental (primeiro ao nono ano ou primeira a oitava série), o ensino médio, a educação profissional, a educação especial e a educação de jovens e adultos (nas etapas ensino fundamental e ensino médio), contra mais de 70 milhões de empregos com carteira assinada, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). O levantamento foi feito com base nas declarações de empresas ao Rais (Relação Anual de Informações Sociais). Em 2010 foram 7,7 milhões de estabelecimentos e que forneceram informações sobre 66,3 milhões de vínculos. Por esses dados percebe-se o quanto é importante uma revolução na educação do país, ou melhor, uma desescolarização do indivíduo escolarizado. Temos quase a mesma quantidade de pessoas no mercado de trabalho e nas escolas. E pensar uma estratégia revolucionária realísticamente planejada, tem que se pensar na escola como um indústria.,

Hoje em dia a maior parte do esforço humano está engajado na produção de demandas que podem ser satisfeitas pela indústria, que, por sua vez, requer sempre mais capital. E a maior parte disso é feita na escola. A alienação, na concepção

tradicional, era consequência direta do fato de o trabalho ter-se convertido em trabalho assalariado, o que tirava do homem a possibilidade de criar e ser recriado. Agora, os jovens são pré-alienados pelas escolas que os isolam, enquanto pretendem ser produtores e consumidores de seus próprios conhecimentos, concebidos como mercadoria que a escola coloca no mercado. A escola faz da alienação uma preparação para a vida, separando educação da realidade e trabalho da criatividade. A escola prepara para a institucionalização alienante da vida ensinando a necessidade de ser ensinado (ILLICH, 1985).

É claro que a escola não é a única instituição moderna que tem por finalidade bitolar a visão humana da realidade. Mas a escola escraviza mais profunda e sistematicamente, pois unicamente ela está creditada com a função primordial de formar a capacidade crítica e, paradoxalmente, tenta fazê-lo tornando a aprendizagem dos alunos — sobre si mesmos, sobre os outros e sobre a natureza — dependente de um processo pré-empacotado (ILLICH, 1985).

As experiências que os estudantes têm em participar do PIBID, levam a algumas reflexões, que servem para conscientização de alguns aspectos da vida escolar, tais como, a problemática do currículo didático, que engessa e homogeniza o ensino, não permitindo ao educador criar diferentes formas de ensino, mas é claro que no ensino público ainda se tem uma certa flexibilidade curricular, realidade que já não se encontra nas instituições privadas de ensino. Temos a questão dos salários da categoria, que desmotiva muitos profissionais do ensino, não só na questão de dar aulas, mas também no incentivo ao aperfeiçoamento técnico, que é um dos grandes problemas do ensino público. Existem também fatores físicos-estruturais, que é um problema de abandono do poder público, que não se interessa pela educação, muito menos pela transformação da educação. Percebemos como Illich (1985)

que um movimento de libertação que começasse na escola e estivesse fundado na conscientização dos professores e alunos de serem simultaneamente explorados e exploradores poderia ser protótipo das estratégias revolucionárias do futuro; pois um radical programa de desescolarização poderia treinar os jovens no novo estilo de revolução necessário para desafiar um sistema social que apresenta como obrigatórios saúde e o bem estar e a segurança

Podemos concluir até o presente momento que, o PIBID é uma alternativa para o ensino que está sendo dado nas instituições públicas, pois, temos como objetivo não (re) produzir as diferenças

sociais que existem na sociedade dentro das escolas. O PIBID pensa como Illich (1985) sobre a escolaridade, que :

A escolaridade não promove nem a aprendizagem e nem a justiça, porque os educadores insistem em embrulhar a instrução com diplomas. Misturam-se, na escola, aprendizagem e atribuição de funções sociais. **Aprender significa adquirir nova habilidade ou compreensão**, enquanto que a **promoção depende da opinião formada de outros**. A aprendizagem é, muitas vezes, resultado de instrução, ao passo que a escolha para uma função ou categoria no mercado de trabalho depende, sempre mais, do número de anos de frequência à escola

O PIBID pensa em promover a disseminação do saber, em aprender ensinando, não queremos modificar o aluno, queremos nos transformar a partir deles, pensamos o PIBID como uma forma humanista de ensino, aonde o estudante é levado à sério, aonde seu saber-fazer será sempre pauta do plano de aula. Pensamos o ensino como uma forma humanista de se viver, pois, como Freire (2005) diz:

Para o educador humanista ou o revolucionário autêntico a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros homens e não estes. Quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores. Esquecem-se de que o seu objetivo fundamental é lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada e não *conquistar* o povo. Este verbo não deve caber a sua linguagem, mas na do dominador. Ao revolucionário cabe libertar e libertar-se com o povo, não conquistá-lo.

Pensar o PIBID como uma política não de governos, mas sim como uma política permanente aonde poderá se pensar de fato em uma transformação na forma de se ver o ensino e a prática pedagógica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

ILLICH, Ivan. Sociedade sem Escola. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1985
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005
ARENDT, Hannah. A crise na educação.